

RESENHA

RESGATE DA IMAGEM DE ANTONIO CONSELHEIRO

ÊNIO JOSÉ DA COSTA BRITO

Professor Titular Aposentado da PUC-SP.

E-mail: brbrito@uol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7730-0760>

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2026v85p344-352>

Recebido em: 16/06/2025

Aprovado em: 16/10/2025



Introdução

Compreender a dinâmica cotidiana do Belo Monte de Antonio Conselheiro, passa longe da malha conceitual-messianismo, sebastianismo e milenarismo -, que desde Euclides da Cunha vem sendo usada pelos estudiosos de Belo Monte.

Pedro Lima Vasconcellos, em *O leite, o cuscoz e o céu: o Belo Monte de Antonio Conselheiro e a falácia euclidiana*, pretende “levantar algumas questões a estas visões convencionais, bem como sugerir elementos para uma re colocação do problema” (Vasconcellos, 2023, p. 14).¹

Organizado em dois momentos, cada um com três capítulos. O primeiro movimento, intitula-se “**A um passo do Paraíso**”. Nele apresenta “a visão que desde Euclides da Cunha se firmou como a dominante sobre as convicções religiosas de Antonio Conselheiro e sua gente, acentuando particularmente a perspectiva milenaristas, não sem indicar desde logo o que a meu ver constituem problemas dela oriundos” (p. 14). Perspectiva, que tem induzido a muitas leituras redutivas da experiência popular, ocorrida em Belo Monte. No segundo movimento, “**Uma terra de promessas**” sem perder de vistas o monumento que é *Os Sertões*, tratarei de mostrar como, a partir da avaliação de uma série de testemunhas, desconhecidos de Euclides ou por ele minimizados, se impõe uma perspectiva distinta quanto aos contornos do Belo Monte e da complexa experiência sociorreligiosa ali encarnada” (p. 14).

A experiência conselheirista tem sido objeto de inúmeros estudos e pesquisas. Pedro Lima Vasconcellos – nos últimos 25 anos -, tem se destacado pela cuidadosa, abrangente e renovadora releitura da vida e morte do povoado, que sob a liderança de Antonio Vicente Mendes Maciel, entre 1893-1897, esteve no centro das preocupações da elite política brasileira.

Nossa intenção, ao elaborar esta breve síntese, é de convidar os leitores (as) a revisitarem o original, que reserva muitas surpresas para os que percorrerem suas páginas.

¹ VASCONCELLOS, P. L. **O leite, o cuscoz e o céu: o Belo Monte de Antonio Conselheiro e a falácia euclidiana**. Maceió: Edufal, 2023. Passamos a indicar apenas as páginas do livro, exceto no caso dos autores referendados por Vasconcellos.

Um heresiarca do século II no semi-árido brasileiro

O capítulo primeiro intitula-se *À espera do Milênio* e abre com uma questão: “poder-se-ia falar do Belo Monte de Antonio Conselheiro sem destacar suas expectativas de um futuro absolutamente novo, a partir do fim deste mundo? (p. 19).

Euclides da Cunha, mesmo com pouca base documental, estava convicto do caráter apocalíptico e milenarista que reinava em Belo Monte. Para ele, a famosa “profecia”² como outros textos anunciavam o fim do mundo. Um deslocamento desta visão ocorrerá n’ *Os Sertões*, onde ele passa de uma visão escatológica para a milenarista.

Artigos, reportagens e telegramas foram escritos para o *Estado de São Paulo*, como os dois artigos intitulados, “*A nossa Vendeia*” (1897). Ao comparar o Belo Monte como a Vendeia, Euclides tem em conta a motivação religiosa, que se fazia presente no arraial. “É por este caminho que Euclides começa a abordar o universo religioso dos combatentes de Belo Monte, e dele não se afastará até *Os Sertões*” (p. 24).

O pensamento dicotômico de Euclides sobre a sociedade – progresso e atraso, ideal cristão e superstição-, ao entrar em contato com Belo Monte, o levou a pensar em “uma cidade bíblica fulminada pela maldição tremenda dos profetas” (p. 25). Gradualmente, ele passa da Vendeia para a “Jerusalém de Taipa”.³ Em Ernest Renan (1823-1892), Euclides encontrou o que precisava para traçar o perfil do líder do Belo Monte. “A leitura de Renan forma, com as teorias da escola antropológica italiana e da psicologia das multidões, o arcabouço teórico da análise sobre a religiosidade do Conselheiro e de sua gente que lemos em *Os sertões*” (Otten *apud* Vasconcellos, 2023, p. 27).⁴ Com base na leitura de Renan, Euclides traça uma inusitada comparação entre o líder de Belo Monte com o herege Montano da Frígia (século II).

Quais as razões que levaram Euclides a tal comparação? No fundo, o preconceito do escritor frente ao dado religioso. Para Euclides, Belo Monte reencarnaria vários dos movimentos heréticos surgido nos primórdios do cristianismo como o agnosticismo, mas principalmente, o montanismo. O

² O Texto anuncia acontecimentos para os anos que antecedem a virada do século ou dos tempos.

³ Vendeia, região francesa que se opôs veementemente ao processo revolucionário de 1879.

⁴ OTTEN, A. “**Só Deus é Grande**”. A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. São Paulo: Loyola, 1990.

ascetismo vivido em Belo Monte era a prova concreta da recriação das ideias montanistas. Muitas são as simetrias entre os dois movimentos.

“Euclides não tem dúvidas quanto a identificar no Conselheiro um novo Montano” (p. 33). Para ele, em Belo Monte se cultivava as mesmas expectativas de tipo milenarista presente no montanhismo, o que é confirmado pela proclamação do Conselheiro que “anunciava, idêntico, o juízo de Deus, a desgraça dos poderosos, o esmagamento do mundo profano, o reino de mil anos e suas delicias” (Cunha *apud* Vasconcellos, 2023, p. 36).⁵

Em *Os Sertões* se consolidará essa compreensão do povoado conselheirista e de seu líder, transformado num pregador milenarista por Euclides. Digno de nota, a convergência entre a caracterização do Conselheiro realizada por Euclides com a dos agentes eclesiásticos da Bahia, especialmente, a elaborada pelo frei João Evangelista de Monte Marciano.

A percepção euclidiana do povoado e das convicções de seus habitantes fez história. A expectativa dos conselheirista em muitos estudos é vista sob a forma de sebastianismo ou messianismo (Maria Isaura Pereira) ou milenarista (Robert Levine). Para Levine, “o anúncio do milênio teria tido como matizes o desespero e a irresponsabilidade de um líder que teme perder o controle sobre seu séquito e receia pelo fim de sua obra” (p. 43).

A antesala do Reino é o título do segundo capítulo, nele se inicia observando o perfil do Conselheiro traçado por Euclides, perfil que “não encontra qualquer apoio na documentação, mesmo naquela que o próprio escritor recolheu em suas anotações pessoais, ou nos registros de outros jornalistas, militares e religiosos que conheceram o povoado e deixaram escritas suas impressões” (p. 45).

Ter interpretado o Conselheiro como milenarista foi um tremendo equívoco, pois, o conceito não deve ser entendido como “um surto provocado pela iminência do fim do século e do milênio” (Galvão *apud* Vasconcellos, 2023, p. 45).⁶

Jean Delumeau nos relembra as duas interpretações possíveis do termo: promessa de mil anos de felicidade e juízo final. O termo milenarismo

⁵ CUNHA, E. da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. São Paulo: Ateliê/ Imprensa Oficial do Estado/ Arquivo do Estado, 2001.

⁶ GALVÃO, W. N. **O império do Belo Monte**: vida e morte de Canudos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

possui uma raiz cristã (Ap. 22,1-6) crença num reino terrestre vindouro de Cristo, com duração de mil anos, isto é, “espera de um reino deste mundo, reino que seria uma espécie de paraíso terrestre reencontrado” (Delumeau apud Vasconcellos, 2023, p. 46).⁷

Estaria a comunidade de Belo Monte esperando pela vinda do Milênio? O povoado que “havia sido concebido por Antonio Conselheiro, e efetivamente experimentado por seus seguidores, como o ‘peristilo do céu’, ou como a prefiguração de um Reino Milenarista” (Montero apud Vasconcellos, 2023, p. 48).⁸

O terceiro capítulo intitula-se *Belo Monte e o Milenarismo: equívocos*. Os documentos recolhidos em Belo Monte por Euclides não permitem afirmar ser a pregação do Conselheiro milenarista. O recurso feito por ele a ‘Profecia’ - texto que menciona predições relativas a diversos anos desde 1822 – é reduutivo, descontextualizado e incorreto. Na verdade, o texto “Profecia” “não permite vislumbrar as motivações que terão feito o povoado se constituir em novas bases e contornos a partir de 1893” (p. 51). Os motivos que levaram as pessoas a se dirigirem a Belo Monte “eram de outras e variadas ordens que os indicados neste panfleto profético popular” (p. 51).

No relato de Frei Marciano, que visitou o vilarejo em 1895 não se encontra nenhuma referência a um possível perfil apocalítico ou milenarista do povoado. O panfleto “Profecia” “não foi escrito por Conselheiro, tem sim traços apocalípticos, semelhantes a outros que circulavam no Nordeste.

Euclides ao articular a “Profecia” sertaneja com o que lia em Montano enveredou por uma trilha equivocada e confusa. “Além disso, termina por fazer afirmações a respeito de Belo Monte que não se adequam àquilo que se esperaria de um movimento milenarista” (p. 53).

Entre as afirmações que menciona para justificar o milenarismo é o fato das pessoas “abandonar voluntariamente suas casas” (Levine apud Vasconcellos, 2023, p. 55).⁹ Pode-se perguntar: a motivação desse fato é de cunho milenarista? Levine não fez uso das predicas de Antonio Conselheiro,

⁷ DELUMEAU, J. **Mil ano de felicidade**: uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

⁸ TEIXEIRA, D. M. “Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado”. In: FAUSTO, B. (org.). **História geral da civilização brasileira**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. t.3, v.2 pp. 39-92.

⁹ LEVINE, R. **O sertão prometido**: o massacre de Canudos. São Paulo: Edusp, 1996.

que se encontram nos Cadernos, elas não revelam a presença de traços messiânicos e milenaristas. Observação válida para o segundo Caderno publicado recentemente.¹⁰

Euclides teve contato com o primeiro Caderno, mas não o folheou, se o fizesse teria se surpreendido com os pensamentos ali expressos. “Neste sentido, o desconhecimento dos Cadernos até bem pouco tempo concorreu enormemente não apenas para o sucesso do livro [Os Sertões], mas para a fixação geral da caricatura, nele delineada, da figura do Conselheiro como delirante pregador milenarista...” (p. 57).

A versão euclidiana do Conselheiro e sua gente precisa ser superada, pois, na expressão de José Calasans, aprisionou os acontecimentos de Belo Monte numa “gaiola de outro”.

Um renovado olhar sobre Belo Monte e seu líder

A segunda parte intitulada “*Uma terra de Promessas*” abre com o capítulo *Um dia após Maceté*. Um relato do escritor José Arias, influenciado pelo que só se lê em *Os Sertões*, menciona uma prédica do Conselheiro na qual denuncia a chegada do Anticristo, materializada na República e a chegada de dois personagens D. Sebastião e Jesus. D. Sebastião defenderia o povo do Conselheiro e Jesus, como juiz, separai o joio do trigo. Nesse cenário, Belo Monte era visto com o lugar de Harmagedon, lugar da batalha final. Ora, “havia uma tarefa muito mais urgente: tornar viável a existência e sobrevivência de um povoado que a cada dia recebia dezenas de pessoas...” (p. 63).

A Proclamação da República trouxe muitas novidades para a sociedade, como a separação da Igreja do Estado, o aumento dos tributos, o que ocasionou muitas protestos e revoltas populares. “Antonio Conselheiro foi responsabilizado como promotor da ‘desordem’, tendo passado a sofrer, ele e a gente que o acompanhava, o acosso da política baiana, que, em seu obstinado encaço, promoverá o referido “choque de Maceté”” (p. 64).

¹⁰ MACIEL, A. V. M. (Antonio Conselheiro). **Apontamentos dos preceitos da divina lei de Nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens**. São Paulo: É Realizações, 2017.

O evento de Maceté leva o Conselheiro a abandonar sua vida de peregrino e a fixar em Canudos, logo em seguida batizado como Belo Monte, “lugar da reinvenção do cotidiano”.

O segundo capítulo dessa parte tem como título *Administrando a escassez*. Belo Monte era visto pelos seus habitantes não como um experimento passageiro, mas como alternativa em termos de sobrevivência para milhares de pessoas. No arraial, “a organização econômica tinha como base o comunitarismo, isto é, a responsabilidade de cada indivíduo pela manutenção da coletividade” (Villa *apud* Vasconcellos, 2023, p.68). Os depoimentos, as recordações dos sobreviventes contrastam com a visão euclidiana de ver Belo Monte uma “ubs monstruosa”, pelo contrário era um lugar de felicidade e fartura. Fato reconhecido até pelos inimigos que afirmavam ser Belo Monte para seus habitantes a nova Jerusalém.

Mas, os testemunhos vão além ao estabelecerem um paralelo entre a vida em Belo Monte a história do povo hebreu em busca da terra prometida. Testemunho confirmado pelo Frei João Evangelista de Monte Marciano em seu relatório, após a visita ao arraial.

No depoimento de José Sabino da Costa, de 73 anos em 1987, conhecedor de sobreviventes, “Canudos era [para eles] um rio de leite e uma parede de cuscuz” (Araújo *apud* Vasconcellos, 2023, p.72).¹¹ Euclides estava certo quando afirmou que para os sertanejos Belo Monte era a “terra da promessa”, a Canaã sagrada” (Cunha *apud* Vasconcellos, 2023, p.72).

Para Roger Bastide, a cultura e religiosidade nordestina devem ser vistas como sincréticas “Belo Monte não terá sido uma das manifestações deste encontro em que a promessa se viu realizada e tantos males, particularmente a fome, superada”? (p. 73). O testemunho das etnias Kariri e Kaimbé, que viveram no povoado confirmam o “bem viver” à luz da palavra de Antonio Conselheiro. em Belo Monte, que se organizava à luz da palavra de Antonio Conselheiro.

Notas para salvação dos homens é o título do capítulo final, que abre com o testemunho de Honório Vilanova, sobrevivente da guerra, ele afirma que em Belo Monte sobre a regra ensinada pelo Pelegrino, vivia-se bem seja no âmbito da sobrevivência, como no religioso.

¹¹ ARAUJO, N. de. **Pequenos mundos**. Um panorama da cultura popular na Bahia. Salvador: UFBA/ Fundação Casa Jorge Amado, 1988. t.2.

É nesse contexto, que se inserem as prédicas atribuídas ou assumidas por Antonio Conselheiro, contidas nos dois cadernos manuscritos, descobertos logo depois de terminada a guerra. O primeiro caderno intitula-se *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo, para a salvação dos homens* (1895). O segundo, *Tempestades que se levantam no coração de Maria por ocasião da anunciação* (1897).

A leitura dos cadernos impacta ao revelar-nos alguém preocupado com o bem-estar dos habitantes do arraial e com a salvação eterna dos mesmos. Impacta, também, os leitores de Euclides, pois, “nas páginas constitutivas destes cadernos o tom que se depreende não é o apocalíptico, muito menos delineia qualquer horizonte milenarista. Diferentemente disso, nela se respiram esperança, sobriedade, exigência ética” (p. 78).

No comentário aos dez mandamentos, presente no primeiro caderno, encontramos a recomendação para “salvar a alma”, conjuntamente com o convite a assumir responsabilidades sociais e religiosas. “O que diria ele [Euclides] diante das centenas de páginas componentes dos dois cadernos manuscritos, escritas de maneira correta e coerente, dando conta de um conhecimento por parte do seu autor, bastante articulado da doutrina católica tal qual apregoada em seu tempo?” (p. 80). O texto do Conselheiro traz marcas de uma intrincada teia intertextual, espelha a Bíblia, o Compêndio narrativo do peregrino da América e a Missão Abreviada.

A palavra do Conselheiro não reproduz o discurso ortodoxo católico, “tem seu eixo próprio, original, delicado e polemico, em torno do que tudo gira. É uma palavra criadora de vínculos poderosos, de uma cidade focada num horizonte peculiar, desafiador e promissor” (p. 82). Um novo jeito de fazer política é instituído pela palavra do Conselheiro. Euclides, mesmo tomando conhecimento do depoimento de Agostinho, jaguncinho de 14 anos, que afirmou “que a única coisa que seu líder prometia, particularmente a quem morresse na luta, era ‘salvar a alma’. Nada de ressurreições retumbantes ou eventos finais” (p. 83). O depoimento foi ignorado, mesmo sendo considerado por Euclides como “inesperado”. Ele não percebeu que o novo estava “na proclamação dela [mensagem de salvação] por alguém que desafiava o monopólio eclesiástico da salvação, e assim se fazia empedernido e imperdoável rebelde” (p. 84). O Conselheiro articulou sua promessa “Salvar a

alma” com a passagem bíblica “Bem-aventurados são os mortos que morrem no Senhor” (Apocalipse 14,13).

“A promessa do Conselheiro representa uma quebra, uma ruptura da pretensão eclesiástica de monopólio de bens sagrados e, em última instância, dos acessos à salvação eterna, acessos esses apresentados de maneira a serem tomados como inalcançáveis” (p. 87). Comprometer-se com Belo Monte e a vida que ali palpitava tornava possível a salvação, visão rejeitada veementemente pelo clero católico. “Por esta salvação o Conselheiro apostou no Belo Monte até a morte, e pela defesa prometeu a salvação a quem morresse em luta” (p. 89).

O Conselheiro manuseia com liberdade o texto bíblico, um dos exemplos mais significativos é a criativa citação de uma passagem da Primeira Carta aos Tessalonicenses, na qual se constata, o contraste “entre a visão escatológica retumbante e mesmo espetacular de Paulo... e aquela sóbria expressa no texto conselheirista, sem qual que traço mais espetaculoso...”. O Conselheiro passa a seus seguidores uma mensagem serena de confiança na salvação concretizada no encontro de Deus após a morte.

Breve pontuação final

Reitero o convite para uma leitura cuidadosa de *O leite, o cuscuz e o céu: o Belo monte de Antonio Conselheiro e a falácia euclidiana*. Texto que diagnostica com rara competência a visão preconceituosa traçada de Antonio Conselheiro e sua gente no magnífico livro *Os Sertões*. Pedro Lima Vasconcellos dá uma contribuição decisiva para uma renovada compreensão da vida vivida em Belo Monte, em especial, de seu líder. Conselheiro na sua sabedoria popular, pensava o destino da existência humana *sub especie aeternitatis*. Nas suas prédicas passava para a multidão que vivia em Belo Monte a esperança de dias melhores aqui e na eternidade.

O que de melhor se pode dizer do ensaio de Pedro Vasconcellos será supor, como eu suponho, que Euclides da Cunha ficaria surpreso em encontrar, um século depois de ter escrito *Os Sertões*, um crítico tão perspicaz, minucioso e talentoso que resgataria a imagem do líder da invenção popular de Belo Monte.